



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

JOSÉ GERALDO MOURA DE SOUZA FILHO

FILOSOFIA COMO MECANISMO DE COMBATE AO BULLYING

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

JOSÉ GERALDO MOURA DE SOUZA FILHO

FILOSOFIA COMO MECANISMO DE COMBATE AO BULLYING

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729f Souza Filho, Jose Geraldo Moura de.
Filosofia como mecanismo de combate ao bullying
[manuscrito] / Jose Geraldo Moura de Souza Filho. - 2018.
22 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Ensino de filosofia. 2. Bullying. 3. Ensino fundamental.
4. Cidadania. I. Título
21. ed. CDD 107

JOSÉ GERALDO MOURA DE SOUZA FILHO

A FILOSOFIA COMO MECANISMO DE COMBATE AO BULLYING

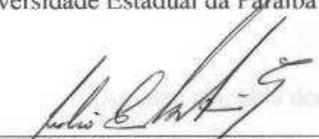
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia da Educação.

Aprovada em: 23/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu filho Arthur, pelo seu sorriso que me move,
inspira e fortalece, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que foram incentivadores nesta minha jornada. À família, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

Aos professores, em especial, Nilton Conserva, por ter me resgatado para que esta importante etapa de minha existência fosse concluída.

Aos meus avós, por não deixarem que eu desistisse daquilo que acredito, a minha mãe e irmãos que sempre trouxeram uma palavra de conforto.

A minha esposa Jaqueline, e meus filhos Arthur e Heitor (que está para nascer), por serem minha principal inspiração para que eu sempre siga enfrentando os desafios.

Aos colegas do Instituto Olavo Bilac que me acolheram com muito carinho. Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, fica aqui o meu muito obrigado!

“A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota”

(Jean-paul sartre)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. DESENVOLVIMENTO.....	8
2.1 <i>O ensino de filosofia no Brasil.....</i>	8
2.2 <i>O conceito de bullying.....</i>	10
2.3 <i>A prática e atividades desenvolvidas</i>	12
2.4 <i>A pesquisa de campo</i>	13
2.5 <i>O bullying na visão do docente.....</i>	14
2.6 <i>O bullying na visão do discente</i>	17
3 CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

A FILOSOFIA COMO MECANISMO DE COMBATE AO BULLYING

José Geraldo Moura de Souza Filho*

RESUMO

Este artigo analisa como o ensino da disciplina filosofia tem sido utilizado nas turmas do Ensino Fundamental II de uma escola particular inserida no Estado de Pernambuco, para intervir contra o *bullying* dentro da sala de aula. O *bullying* que é uma prática de desrespeito e agressão, devendo ser discutida e combatida para que assim seja propiciado ao educando um convívio social pacífico e um ambiente educativo proveitoso. O tema *bullying* tem gerado grande polêmica assim como também é foco de estudo de muitos profissionais por referir-se a atitudes hostis e agressivas que ocorrem nas relações interpessoais. A filosofia é caracterizada como uma reflexão crítica e sempre associada à formação de uma cidadania plena e participativa. Sendo assim, ela pode ser um instrumento eficaz para despertar a reflexão sobre preconceitos e combater as consequentes atitudes desrespeitosas decorrentes deles. A pesquisa pretende contribuir com seus resultados para que educadores e educandos ampliem suas reflexões acerca da temática.

Palavras-Chave: Bullying. Ensino de filosofia. Ensino fundamental II. Cidadania.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho destina-se a discorrer sobre o fenômeno denominado *bullying* e de que forma o ensino de Filosofia pode ser um dos meios utilizados para combater este mal que afeta milhares de alunos dentro e fora do ambiente escolar. Neste trabalho será apresentado um breve histórico sobre a trajetória do ensino da Filosofia no Brasil, sua inserção e exclusão, atualização da legislação até a sua aplicabilidade no Ensino Médio como componente curricular.

Traçando um paralelo à questão teórica, o estudo será direcionado para o conceito de *bullying* dentro e fora do ambiente escolar, uma forma de violência que inicia dentro das unidades de ensino e traz consequências diretas na família, amigos e todo ambiente social que cerca suas vítimas.

* Aluno de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I
Gerald_moura@hotmail.com

Como referência do estudo, foi escolhido o Instituto Olavo Bilac, escola situada no Agreste pernambucano, mais precisamente na cidade de Santa Cruz do Capibaribe que desenvolve projetos que abordam sobre o combate ao *bullying* nos anos do ensino Ensino Fundamental II. Por meio de discussões, leituras e dinâmicas realizadas nas aulas de Filosofia para aprofundar o tema, pois as agressões que ocorrem dentro de sala de aula são preocupantes. Por meio deste diálogo aberto que buscamos gerar uma reflexão crítica para o enfrentamento direto do problema dentro e fora da sala de aula. Além do mais, o propósito é expor o tema, aprofundar a análise e suscitar a apresentação de material de apoio para os docentes principalmente voltado para o público alvo (pré-adolescentes e adolescentes).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O ensino de filosofia no Brasil

Ensino de filosofia no Brasil remonta a um breve período posterior a fundação em 1934 da Universidade de São Paulo (USP), mais precisamente em 1940 através de uma missão de professores franceses que aportavam em terras brasileiras para difundir o modelo europeu da formação filosófica clássica humanista direcionada evidentemente para as elites burguesas do sudeste brasileiro (CARVALHO; SANTOS, 2010).

Com o advento do Estado Novo (1937-1945), o presidente Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, que propunha buscar uma inserção mais plural de camadas mais carentes para terem a possibilidade de ter acesso ao ensino básico. Essas ações também foram frutos da chamada Escola Nova que era um movimento de personalidade e intelectuais que visavam uma educação mais inclusiva, que proporcionasse oportunidades para camadas populares.

Foram criados então o Ensino Primário equivalente ao Ensino Básico de 1ª a 4ª séries, bem como o Ensino Comercial, eminentemente preparatório para o mercado de trabalho. Já os membros do topo da pirâmide social tinham acesso ao Ensino Secundário e Superior. O primeiro já oferecia introdução de temáticas humanísticas e também incluíam conhecimentos gerais, divididos entre Clássico e Científico.

Com o processo do pós-guerra, o Brasil recebeu inúmeros aportes em investimentos industriais, sejam metalúrgicas, mecânicas, automobilísticas e farmacêuticas, principalmente com o processo de desnacionalização da economia, com toda essa evolução se fez necessária

a aplicação de uma educação voltada para o ensino técnico e profissionalizante. Em 1946, a Constituição já incluía a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), mas só foi posta em prática em 1961, na gestão do presidente João Goulart. Neste período a Lei 4024/61 tinha em seu escopo a não obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia.

Dois anos após, com o Golpe Militar de 1964, a ditadura trouxe inúmeras mudanças além do cerceamento de imprensa e do pensamento e outras liberdades individuais, reduzindo cada vez mais a capacidade crítica dos cidadãos, e ampliando o conhecimento meramente instrumental, onde o “progresso” substituiu temporariamente o “humano”. Em 1968 a filosofia foi, junto com a sociologia, deliberadamente retirada dos vestibulares país afora. Em 1971 com a Lei 5692/71 foram completamente excluídas do Ensino Médio, em contrapartida, era inserida Organização Social e Política Brasileira (OSPB).

Toda uma geração tinha seu conhecimento comprometido por tais arbitrariedades, no período de 1964 a 1985 ficou evidenciada a carência de um conhecimento geral e humanista, e propositadamente anticrítico, pois o Governo temia o pensar, por isso se utilizou de mecanismos diretos (Exército e demais organizações governamentais de controle) e indiretos (controle dos modelos da educação primária e secundária direcionando da crítica do livre pensar para o raciocínio mecanicista).

Com o passar dos anos já em de 2006 uma resolução do Conselho Federal de Educação definia como obrigatoriedade o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, mas essa resolução não tinha força de lei e então logo foi vetada. Já em 2008 ocorreu a promulgação da Lei nº 11.684/083 que alterava o art. 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), incluindo a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio

Os avanços acometidos ao ensino de filosofia vieram sendo notáveis com o decorrer dos anos e com as adequações curriculares em âmbitos nacionais, estaduais e municipais. Modelar o currículo às necessidades diárias estruturou e deu suporte aos docentes para que assim pudesse ser possível promover o pensamento filosófico dos discentes. A Filosofia por si só modifica valores, desloca e transforma o pensamento confrontado com diferentes tradições de pensamento e estendem seu repertório para a construção de suas convicções. Portanto sua utilização qualitativa dentro de sala de aula viria a promover no educando o enraizamento do pensamento crítico.

2.2 O conceito de bullying

A palavra *bullying* tem sido bastante utilizada em ambientes educacionais, por estar associada a situações e atos hostis, agressivos e de violência verbal ou física que ocorrem nas relações interpessoais em âmbitos escolares. De acordo com Fante (2005), *bullying* é um termo inglês que se origina da palavra *Bully* que significa brigão, valentão, tirano e designa comportamentos agressivos, antissociais, repetitivos e intencionais, praticados por uma ou mais pessoas. Caracteriza-se por atitudes ofensivas, intimidação, humilhação, constrangimento, isolamento, exclusão, difamação, agressão física e/verbal até mesmo furtos e está presente nas escolas, mas muitas delas negam esse tipo de comportamento em suas dependências e imediações.

O *bullying* visa à interiorização da vítima, promovendo sua discriminação e sua perseguição sendo alvo de diversas ações. O *bullying* é uma prática de desrespeito é uma característica de quem gosta de humilhar, ofender, discriminar, intimidar ou simplesmente algo que se faz por maldade com o outro apenas para seu próprio divertimento.

O termo *bullying* com o decorrer dos anos veio substituir o conceito mais amplo de agressão escolar, eliminando assim a atribuição de outras palavras para uma mesma situação constrangedora e geradora de conflitos internos e externos em hábitos educacionais. Segundo Pereira (2006), esta homogeneidade da utilização do conceito parece englobar em si mesmo uma série de vocábulos, que se traduzem em comportamentos como maltratar, agredir, violentar, humilhar, assediar e abusar.

O Brasil possui leis para amenizar e punir esse tipo de comportamento que gera danos emocionais e físicos as vítimas. O Senado aprovou em 2015 o projeto de lei nº 13,185/15 para combater à violência no ambiente escolar, propondo que creches e escolas de ensino fundamental e médio da rede pública e particular ofereçam atendimento psicológico para alunos e professores. Com o intuito de combater os casos de agressão e humilhação e melhorar o aprendizado.

Já o projeto de lei n. 6935/10 do então deputado federal Fábio Faria (RN) pretende introduzir no Código Penal (CÂMARA, 2010) no capítulo dos crimes contra a honra, o crime de intimidação, que é assim definido:

“Art. 141-A - Intimidar o indivíduo ou grupo de indivíduos que de forma agressiva, intencional e repetitiva, por motivo torpe, cause dor, angústia ou sofrimento, ofendendo sua dignidade:

Pena - detenção de um mês a seis meses e multa.

§ 1º O Juiz pode deixar de aplicar a pena:

I – Quando o ofendido, de forma reprovável, provocou diretamente a intimidação.

§ 2º Se a intimidação consiste em violência ou vias de fato, que por sua natureza ou pelo meio empregado, se considerarem aviltantes:

Pena - detenção de três meses a um ano e multa, além da pena correspondente à violência.

§ 3º Se a intimidação tem a finalidade de atingir a dignidade da vítima ou vítimas pela raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou que seja portadora de deficiência:

Pena – reclusão de dois a quatro anos e multa. ”

Essas ações embasadas nas leis só reforçam o que já é evidente: o *bullying* é um problema grave a ser combatido nas escolas, portanto faz-se necessário tratar o assunto com mais seriedade para que os agressores praticantes possam ser punidos e que as vítimas possam superar os transtornos psicológicos sofridos tendo a certeza que esses atos cruéis não ficarão impunes. Também é possível encontrarmos no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) medidas que velam pela dignidade e respeito às diferenças dentro e fora da sala de aula como podemos perceber nos seguintes artigos:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.[...].

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Sendo assim, as vítimas de *bullying* poderão contender judicialmente pelo devido ressarcimento. O comportamento discriminatório e agressivo dos *bullies* atenta acintosamente contra o respeito e a dignidade de suas vítimas ferindo os direitos estatutários da criança e adolescente. A violação de quaisquer desses direitos afeta a dignidade do infante-juvenil, incidindo, portanto, em dano moral.

O *bullying* deve começar a ser entendido como um padrão de comportamento ou conduta de agressividade entre alunos, constituindo-se como um comportamento ou conduta de agressividade fato esse altamente prejudicial para o seu desenvolvimento cognitivo e social dos discentes, pois a prática bullística diminui a autoestima e a aumenta os níveis de descontração e perda de foco na sala de aula. As vítimas ficam emocionalmente frágeis, fazendo com seu psicológico fique instável. Assim estão sujeitos a pensamentos e atos depressivos, o que nos leva a perceber que o rendimento escolar de um aluno que sofre *bullying* é inferior aos demais.

2.3 A prática e atividades desenvolvidas

No Instituto Olavo Bilac são trabalhadas as temáticas que envolvem o *bullying* em inúmeras esferas. No material didático padrão utilizado pela escola (MORAES; COSTA, 2015), mais precisamente, o livro utilizado pela 8ª série do Ensino Fundamental já traz em seu primeiro capítulo a temática do *bullying* com seus conceitos, abrangência e consequências. No informativo estão contidos materiais de apoio como sugestão para basilar a atuação do professor, a exemplo do filme “Bang, Bang. Você Morreu!”, que traz em sua narrativa, baseada em fatos reais, a história de *Travor*, um adolescente que sofre com agressões por parte de outros integrantes da escola e que devido a isso apresenta sintomas de autodestruição e agressividade, e que reverte a situação e expõe o tema após o convite para encenar uma peça que dá nome ao filme. Nela, é retratado caso de tiroteio nas escolas causados por alunos que sofriam *bullying* que não tinham apoio para o encerramento da situação em que se encontravam.

Tal obra, seguindo a recomendação do livro didático, foi exposta em sala de aula, seguida de atividades de discussão e reflexões sobre o exemplo apresentado e suas correlações com o ambiente real escolar.

Com o advento das novas tecnologias, também foram realizados seminários sobre a modalidade do *cyberbullying*, que através das ferramentas portáteis surge como um novo caminho para a prática das agressões por meio das redes sociais, grupos de aplicativos, e-mails e vídeos publicados na rede mundial de computadores.

Outra dinâmica chamou a atenção durante a pesquisa, foi a utilização de uma atividade que continha um labirinto onde deveriam ser identificados os ambientes na sociedade em que o *bullying* ocorre, e continham por exemplo: a escola, a vizinhança e até no trabalho, evidenciando infelizmente, o amplo espectro em que essa prática nefasta é recorrente.

2.4 A pesquisa de campo

A fim de contribuir de forma positiva contra as práticas de *bullying* dentro da sala de aula resolveu-se realizar esta pesquisa. Utilizamos o método quantitativo, tendo a coleta de dados como método, semiestruturado, por meio de questionário. A elaboração seguiu a direção dada pelos fatos que norteiam o artigo. De acordo com Ludke e André (1986), a entrevista semiestruturada acontece a partir de um esquema, porém este é flexível o que possibilita possíveis adaptações por parte do entrevistador. Ainda afirmo que num trabalho de pesquisa em educação, a entrevista menos estruturada é a mais indicada, pois, assim o entrevistado se sente mais livre para responder e tecer seus comentários.

O presente trabalho foi realizado na rede privada de ensino localizada no Agreste pernambucano, mais precisamente na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. No Instituto Olavo Bilac, que desenvolve projetos que abordam o combate ao *bullying* no Ensino Fundamental II em comunhão com a disciplina filosofia. Trabalhando por meio de discussões, leituras, peças e dinâmicas realizadas nas aulas. Todas essas ações são pensadas para aprofundar o tema, pois as agressões que ocorrem dentro de sala de aula são extremamente preocupantes.

Foram entrevistados 5 professores e 80 alunos (40 meninas e 40 meninos). As entrevistas foram realizadas através de questionários escritos, todos preservando a identidade dos entrevistados.

Durante observações feitas nos espaços externos e internos às salas de aula, percebeu-se alguns comportamentos suspeitos quanto à prática de *bullying*. Brincadeiras e zombarias de mau gosto eram ouvidas. Mas observou-se também que havia certa repreensão de professores e demais funcionários para que aquele tipo de atitude viesse a cessar.

Os professores entrevistados possuem de 20 a 38 anos, grande parte está cursando ou já possui pós-graduação. Já atuam há algum tempo como professores o que se fez reafirmar que todos já tenham em algum momento passado por alguma situação identificada como *bullying*.

Para fins de melhor compreensão e entendimento, dividimos este tópico em dois subtítulos para que os resultados dos questionários realizados com professores e alunos possam ser melhor analisados.

2.5 O bullying na visão do docente

Para realização dessa pesquisa não foram encontrados problemas muito menos resistência na participação dos docentes. Optou-se pelo questionário escrito com perguntas mistas para que o entrevistado pudesse responder com facilidade, tranquilidade, sinceridade e sigilo. Segundo Lucas (apud Candau): “ O mestre tem que estar preparado para falar de temas como violência. Ele deve saber quais são os problemas de seus alunos e estar preparado para, pelo menos na escola, ajudá-los, conquistando assim o respeito deles” (2002, p.155).

Pergunta 1: Qual seu conceito de bullying?

Todos os professores entrevistados foram unânimes ao responder que o *bullying* sempre existiu, mas que agora está em evidência de uma forma mais intensificada e geradora de diversos conflitos, porém as ações para combater essa prática também sofreram modificações com o decorrer dos anos, pode-se notar isso com um dos entrevistados afirmou:

(...) a prática do bullying está em alta, em todos os lugares dentro da escola sempre ouvimos apelidos, zombarias e coisas do tipo, mas no entanto o combate a essas práticas estão sendo realizadas de forma minuciosa e multidisciplinar cada professor dentro de sua disciplina e da forma que achar conveniente trabalha valores e ética (...)
(Professor de Filosofia 1)

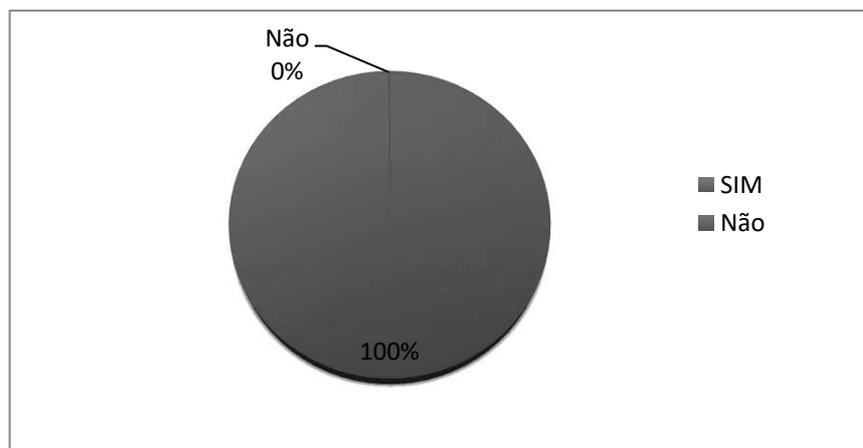
O *bullying* sempre existiu, mas não é por esse fato os educadores têm que ficar alheios aos maus tratos que os alunos vulnerais sofrem. É necessário que cada educador tenha consciência do papel de agente transformador que ele ocupa na sociedade, para que assim ele possa fazer as intervenções que auxiliem as vítimas o bullying escolar.

Pergunta 2: Já presenciou algum caso de violência que podia ser caracterizado como bullying?

Sim: Que aspectos que foram considerados para essa afirmação?

Não: Qual seria a caracterização para essa situação?

Gráfico 1 – respostas dos docentes à pergunta 2.



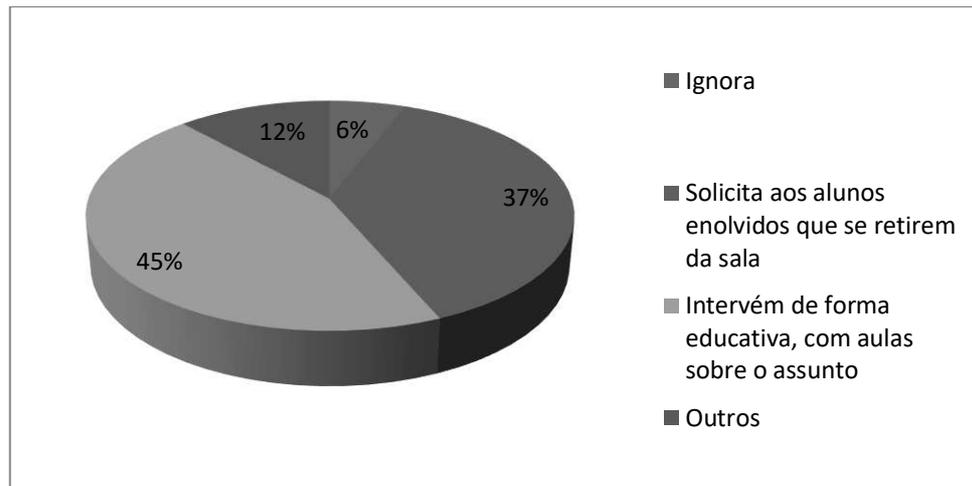
Fonte: Resultado da pesquisa aplicada a educadores do Instituto Olavo Bilac a respeito da temática do presente artigo.

Todos os professores afirmaram que já presenciaram algum caso de *bullying*, alguns considerados naturais como apelidos e outros mais sérios como comentários que terminaram em discussões e brigas físicas. A maioria dos casos são percebidos por meio da observação do comportamento dos alunos em sala de aula, pelo desenvolvimento das ações de cada um.

(...) o maior problema disso tudo é pensar que o aluno apelida o outro e a sala toda ri, inclusive o professor, que não percebe que esse simples fato não deixa de ser uma forma de bullying(...) (Professor de filosofia 4)

Pergunta 3: Diante as agressões morais e verbais, o que você faz?

Gráfico 2: Respostas dos docentes a pergunta 3.



Fonte: Resultado da pesquisa aplicada a educadores do Instituto Olavo Bilac a respeito da temática do presente artigo.

Mesmo com reflexões a prática de colocar o aluno para fora da sala de aula quando este pratica algum ato entendido como desapropriado pelo professor é um ato ainda realizado por muitos. Também podemos perceber que os profissionais buscam resolver a questão do *bullying* dentro da sala de aula de forma educativa abordando sempre o tema nas mais variadas áreas do ensino.

Pergunta 4: Nas aulas de filosofia o tema *bullying* é discutido de qual forma?

Todos os docentes entrevistados deram basicamente a mesma resposta por trabalharem em conjunto para intervirem na realidade da escola. Podemos perceber que são várias as ações articuladas para banir a prática do *bullying* dentro das salas de aulas e que todos os profissionais estão em constante empenho. Também notamos que há uma preocupação por parte dos educadores em manter as constantes discussões, pois o quantitativo de alunos que ingressam na instituição educacional é grande, e, sempre é necessário reforçar os laços contra as práticas de violência em sala de aula. Principalmente com os alunos novatos.

Apesar de termos que seguir o currículo escolar, sempre nos reunimos para elaborar projetos para serem vivenciados e assim tratarmos mais sobre o bullying, seja de forma discursiva ou por meio de alguma atividade prática como teatro, dança, produção textual e etc. Nosso intuito é conscientizar nossos alunos de forma crítica e assim promovermos uma convivência pacífica em sala de aula. (...) (Professor de filosofia2)

Pergunta 5: Por que trabalhar as questões sobre *bullying* na disciplina filosofia?

Podemos perceber durante nossas análises que todos os educadores possuem uma visão direcionada quando se trata de *bullying* em sala de aula, e abordam esse tema dentro de uma disciplina, mas de forma integrada com as demais, possibilitou melhores resultados nos que se diz respeito ao convívio social dos alunos e até mesmo aprendizagem.

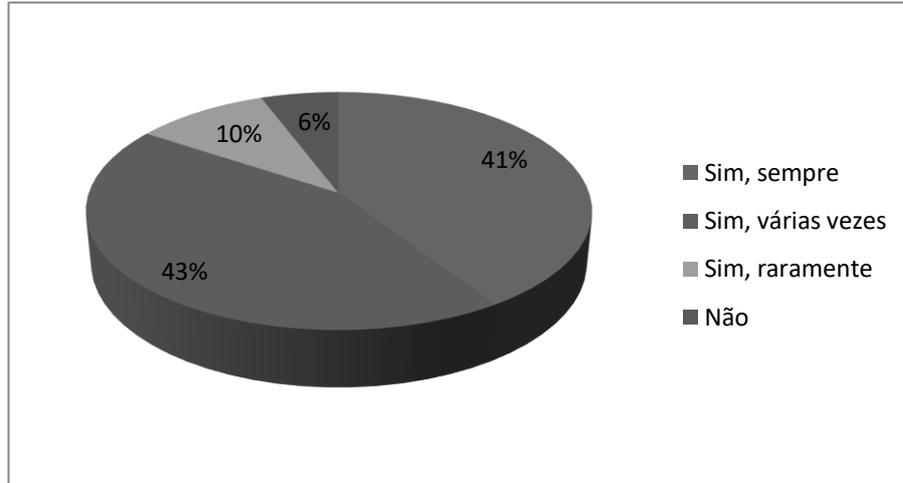
A disciplina filosofia possui um currículo mais flexível o que nos possibilita adequar ao mesmo qualquer conteúdo que desejamos abordar e a prática do *bullying* dentro da sala de aula era algo que preocupava a todos nós professores. Então percebemos a necessidade de mudar esse cenário de violência e começamos a trabalhar valores e ética direcionada as situações classificadas como formas de *bullying* para que assim pudéssemos ter mais rendimento educacional e pessoal dentro da própria disciplina de filosofia e também nas demais, além de propiciarmos um ambiente mais agradável dentro da sala de aula. (..) (Professor de filosofia 3)

2.6 O bullying na visão do discente

Para essa pesquisa usamos um quantitativo de 80 alunos, sendo 40 meninos e 40 meninas. Os discentes foram informados sobre a pesquisa e os que desejavam responder aos questionamentos recebiam uma folha contendo as perguntas. Os alunos estão inseridos na faixa etária entre 11 e 15 anos de uma escola particular, onde eles respondiam sem obrigação um questionário com 4 perguntas de múltipla escolha e 1 aberta para facilitar a compreensão e a interpretação dos resultados.

Pergunta 1: Você já presenciou alguma situação de agressão física ou verbal durante as aulas?

Gráfico 4: Respostas dos discentes a pergunta 1.

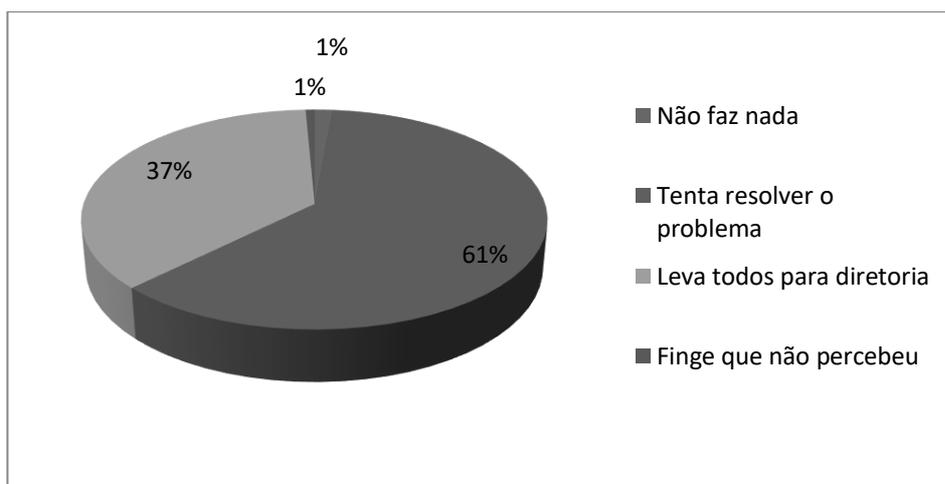


Fonte: Resultado da pesquisa aplicada a alunos do Instituto Olavo Bilac a respeito da temática do presente artigo.

Preocupante saber que a maioria dos alunos já presenciou alguma vez que fosse, algum ato de *bullying* entre os colegas de sala. Isso apenas demonstra o quanto à prática do *bullying* é corriqueira e recorrente no ambiente escolar.

Pergunta 2: Qual a atitude do professor quando um aluno fala palavrões, apelida ou humilha aluno?

Gráfico 5: Respostas do discentes a pergunta 2.



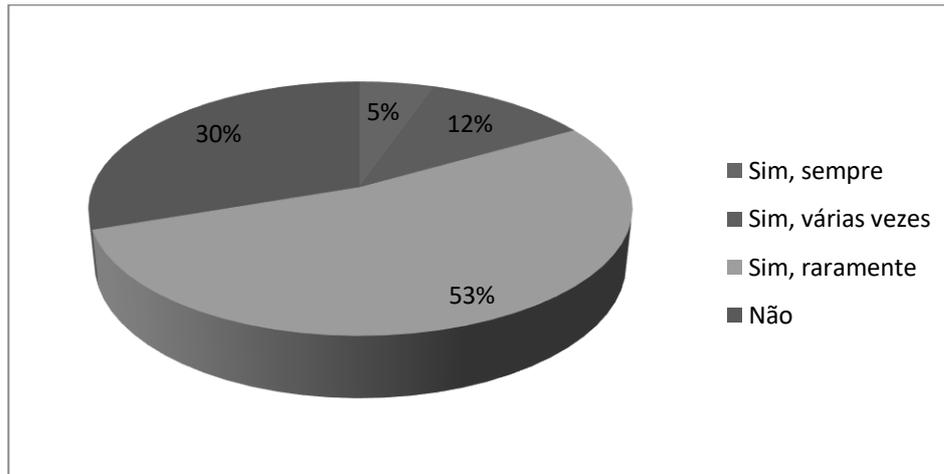
Fonte: Resultado da pesquisa aplicada a alunos do Instituto Olavo Bilac a respeito da temática do presente artigo.

Percebe-se que a maioria dos professores tenta resolver a situação geradora de problemas de forma dialógica. Já os demais profissionais repassam o problema para a direção

ou coordenação, sendo apenas 2% os profissionais que não se importam ou fingem não perceber a prática de *bullying* dentro da sala de aula.

Pergunta 3: Você já foi vítima de *bullying*?

Gráfico 6: Respostas do discentes a pergunta 3.

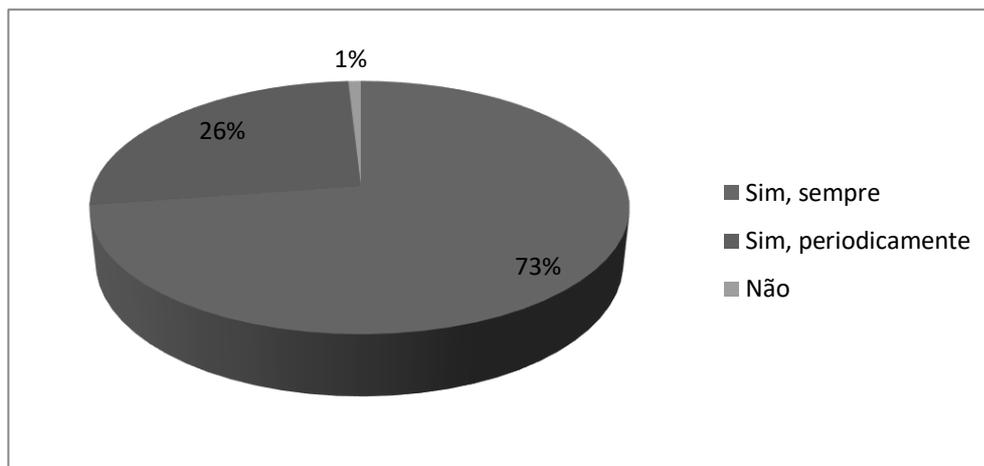


Fonte: Resultado da pesquisa aplicada a alunos do Instituto Olavo Bilac a respeito da temática do presente artigo.

Embora a maioria dos alunos afirme já ter sido vítima de *bullying* por algum colega, podemos perceber que uma grande parte também nunca sofreu nenhum tipo de agressão caracterizada como *bullying*.

Pergunta 4: Na escola existem projetos ou palestras para prevenção e conscientização sobre o *bullying* no ambiente escolar?

Gráfico 4: Respostas do discentes a pergunta 1



Fonte: Resultado da pesquisa aplicada a alunos do Instituto Olavo Bilac a respeito da temática do presente artigo.

Pergunta 5: De que forma o *bullying* é trabalhado na disciplina filosofia?

Podemos perceber que a maioria dos alunos mostra-se interessado em participar espontaneamente das aulas de filosofia quando o assunto a ser tratado é *bullying*, pois a didática é diferenciada assim como as atividades sugeridas o que torna a aprendizagem mais significativa e qualitativa.

É sempre bom na aula de filosofia, porque é nela que podemos falar sobre todos os assuntos, principalmente sobre o *bullying*(aquelas brincadeiras de mal gosto que alguns colegas insistem em fazer com outros). O professor sempre traz exemplos, fazemos peças e produções de texto e depois apresentamos na aula de filosofia ou para alunos de outras turmas. Sempre temos algo a falar sobre a violência dentro da sala, discutimos, procuramos soluções e o professor sempre busca algo novo. Acho isso muito legal. (...) (Aluna A)

3 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por base as ações executadas em uma escola de ensino fundamental II da rede particular de ensino. A fim de contribuir junto a outros profissionais da área da educação que partilham dos mesmos anseios e das mesmas dificuldades no que se diz respeito ao combate as práticas bullísticas. Realizar essa pesquisa nos proporcionou identificar as práticas de *bullying* em sala de aula assim como também as possibilidades de combate às várias formas de violências vivenciadas.

Consideramos de suma importância às estratégias utilizadas pelos professores de filosofia para combater o *bullying* existente dentro da sala de aula. O que nos demonstrou o alto nível de comprometimento por parte dos educadores para combater a prática bulística que vem sendo cada vez mais comum nas escolas. É pertinente que as questões aqui abordadas sirvam de conscientização para os docentes e discentes, pois é necessário que os professores ajudem as novas gerações na busca pelo respeito, valorização das diferenças e aceitação do outro.

Diversas dificuldades foram encontradas também no decorrer do caminho, pois fica evidenciada que apenas, as ações pedagógicas promovidas entre as quatro paredes do universo escolar não bastam para coibir definitivamente esta problemática. As ações devem integrar além da escola, a família e todas as entidades que se fazem presentes no ambiente social dos alunos, e que esta discussão dos conceitos, das causas e consequências devam estar presentes em inúmeros aspectos das experiências do aluno enquanto ser humano.

Com as ações realizadas através de conteúdos de filmes, vídeos, depoimentos, palestras, dinâmicas, textos específicos, até a realização de semana exclusiva para debater o tema, são apresentados caminhos e alternativas para o enfrentamento do *bullying*

Baseados nessa premissa, este estudo busca abrir horizontes de debates práticos e teóricos a partir do recorte de uma entidade escolar particular situada no interior pernambucano, e serve como ponto de partida para ampliação nos ambientes de ensino fundamental na esfera pública, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, onde essas práticas são mais latentes.

ABSTRACT

This article analyzes how the teaching of the discipline philosophy has been used in the classes of Elementary School II of a private school inserted in the State of Pernambuco to intervene against bullying within the classroom. Bullying is a practice of disrespect and aggression, and should be discussed and combated so that it is provided to educate a peaceful social community and a beneficial educational environment. The bullying issue has generated great controversy as well as it is the focus of study of many professionals to refer to the hostile and aggressive attitudes that occur in the interpersonal relations. Philosophy is characterized as a critical reflection and always associated with the formation of a full and participatory citizenship. Thus, it can be an effective tool to awaken reflection on prejudices and combat the consequent disrespectful attitudes arising from them. The research intends to contribute with its results so that educators and educandos broaden their reflections on the theme.

Keywords: Bullying. Teaching philosophy. Elementary education II. Citizenship.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. S. (2001). **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Edições Asa.

BRASIL (1990). **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 11 de março de 2018.

CANDAU, Vera Maria (org.) **Reinventar a escola**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CÂMARA dos Deputados. Projeto de Lei 6935/2010. Define o crime de intimidação no Código Penal Brasileiro e dá outras providências. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=469060>> Acesso em 20 de Abril de 2018.

CARVALHO, Marcelo; SANTOS, Marli. **O Ensino da Filosofia no Brasil: três gerações**. Coleção Explorando o Ensino Médio Filosofia. v 14. Ministério da Educação. Brasília, 2010.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**. Campinas: Verus, 2005.

JOAQUIM, Nelson. **Direito Educacional Brasileiro. História, Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394. 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 15 março de 2018.

LUDKE, menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Armando; COSTA, Maria da Soledade. **Cidadania Moral e Ética – Filosofia e Cidadania**. 8º ano Ensino Fundamental. Recife: Sucesso, 2015.